

## Relações multietárias entre bebês e crianças de até cinco anos de idade na escola infantil

CAROLINA MACHADO CASTELLI<sup>1</sup>; ANA CRISTINA COLL DELGADO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [m.carolinacastelli@gmail.com](mailto:m.carolinacastelli@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [anacoll@uol.com.br](mailto:anacoll@uol.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

Considerando que, no Brasil, muitos bebês e crianças têm passado de 8 a 10 horas em escolas infantis, onde os espaços de oportunidades de interações entre crianças de diferentes faixas de idade são reduzidos, pensar as possibilidades de interações multietárias nesse âmbito requer mais atenção. Portanto, o objetivo central desta pesquisa é investigar as relações multietárias envolvendo bebês de uma turma de berçário e crianças de até cinco anos de idade em uma escola infantil de Pelotas/RS.

Investigar em que tempos-espacos essas relações são estabelecidas, os papéis que os adultos desempenham frente a essas interações, que implicações elas colocam ao currículo da Educação Infantil e que relações os bebês estabelecem entre si são objetivos específicos do estudo. Dada sua originalidade, o referencial teórico engloba leituras advindas da Sociologia da Infância, da Antropologia da Criança, da Psicologia Cultural, da História da Infância, da Filosofia e da Educação, situando-se nas discussões de Tópicos Específicos da Educação, dentro da subárea de avaliação Educação, a qual, por sua vez, está situada na área das Ciências Humanas.

RICHTER; BARBOSA (2010) argumentam que os bebês sabem muitas coisas que, culturalmente, não conseguimos ver, compreender e reconhecer como um saber. Eles são sujeitos de direitos, autores de suas histórias e merecem ser respeitados pelo que são. E, apesar de reconhecermos suas especificidades, também fazem parte de um todo maior, que é a infância, porque na categoria geracional infância há variadas e significativas diferenças, dentre elas, as etárias (FERNANDES, 2008). Tais diferenças etárias também se configuram como culturais e, segundo ROGOFF (2005), são importantes para as relações sociais que as crianças desenvolvem umas com as outras.

Portanto, é importante que as escolas infantis sejam contextos onde as crianças de diferentes idades aproveitem a companhia umas das outras para desenvolver novas habilidades e competências e aprender observando e ajudando-se (CAMPOS; ROSEMBERG, 2009). Porém, para que isso seja possível, é preciso pararmos de encarar a divisão por faixa etária como algo natural, e passarmos a vê-la como uma construção social (ARIÈS, 1981; ROGOFF, 2005), rompendo com a rigidez da separação etária nas escolas infantis e com visões adultocêntricas que não acreditam nas capacidades interativas e de cuidado das crianças entre elas.

### 2. METODOLOGIA

Por esta pesquisa ser com bebês e crianças, é proposto o diálogo entre autores que tratam de suas particularidades na pesquisa e outros que falam em pesquisa no geral, pois não foram desenvolvidos novos métodos, específicos para as crianças, mas adaptados e refinados às suas necessidades, mantendo o rigor investigativo (CORSARO, 2011). E mais: trata-se de uma pesquisa com crianças e

não sobre elas, pois esta última as observa, avalia e julga sem considerar seus contextos, com o objetivo de estudar seu desenvolvimento (MAYALL, 2005), e, na primeira, o adulto tenta entrar no mundo de conhecimento das crianças (MAYALL, 2005), entendidas como sujeitos que participam ativamente.

Esta investigação também se caracteriza como “interpretativa”, como propõe ERICKSON (1986) por ser um termo mais abrangente que “qualitativa”, não resultar na oposição entre pesquisa qualitativa e quantitativa e ter seu centro de interesse no significado que as pessoas dão à vida social e na sua elucidação e exposição pelo pesquisador. O processo de geração de dados emerge a partir da triangulação entre observação participante, registros escritos, audiovisuais e fotográficos, e entrevistas.

As observações e os registros têm sido realizados em uma escola infantil filantrópica localizada em Pelotas. A pesquisa está programada para ser realizada com bebês de 14 a 25 meses de idade, de três a quatro vezes por semana, em turnos alternados, de junho a agosto de 2014. Em alguns dias específicos, os bebês se encontram com as crianças de quatro e cinco anos do Pré 1 devido a um projeto desta turma, a qual tinha interesse em conhecer mais a respeito do grupo do Berçário. Nos outros momentos, também ocorrem relações multietárias com as crianças das outras duas turmas que a escola possui, o Maternal 1 e o Maternal 2.

Aos profissionais da instituição e aos responsáveis pelas crianças é solicitada autorização por escrito para que, respectivamente, os próprios profissionais e as crianças possam participar da investigação. Em agosto, a escola abre uma turma de Berçário 1, cujos bebês também podem vir a fazer parte da pesquisa caso interajam com os do Berçário 2 e sejam autorizados por seus responsáveis. Como a pesquisa tem sido desenvolvida em uma escola infantil, também serão realizadas entrevistas com algumas das professoras e com a coordenadora e, a princípio, com as crianças do Pré 1 para conversar a respeito do projeto em que estão engajadas.

A partir da triangulação, o processo de análise vai sendo desencadeado. Em uma investigação interpretativa, a análise ocorre desde o início, por ser iterativa e não linear (GRAUE; WALSH, 2003). Ações que fazem parte deste processo são o trabalho com os dados e sua organização e divisão em unidades manipuláveis, a síntese, a procura de padrões, a descoberta dos aspectos importantes para o investigador e para os investigados e dos aspectos que devem ser aprendidos, e a decisão sobre o que será apresentado aos demais (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Análises iniciais destacam as ações dos bebês e a formação de culturas infantis entre eles e com crianças de outras idades. Assim como na pesquisa de SCHIMITT (2008), tem sido perceptível que, mesmo com algumas limitações motoras, os bebês conseguem interagir – o fato de ainda não andarem ou não falarem não é empecilho para chamar a atenção do outro, retribuir-lhe um sorriso ou um olhar, ou promover o contato com o outro. E quando este outro vem em sua direção, o bebê não permanece alheio: ele responde ao outro, como coloca a autora.

E estes “outros” podem ser tanto outros bebês, como crianças de idades diversas, ou adultos. Aliás, para as crianças, ainda que saibam sua idade e conheçam os números, não são estes que determinam, por exemplo, o que é ser um bebê ou quem é mais velho ou mais novo. FERNANDES (2008), PRADO (2006) e COUTINHO (2010) demonstram, a partir das crianças, o quanto o corpo é uma forte característica na identificação das idades e etapas da vida por parte delas. Ser maior, menor, mais alto, mais baixo, saber andar, engatinhar ou falar são alguns dos

diferenciadores que as crianças utilizam e, a partir deles, relacionam-se de forma diferente uns com os outros, como também tem sido encontrado nessa investigação.

A partir disso, tanto os bebês entre eles, como com as crianças de outras idades, formam culturas de pares, que são “um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e compartilham na interação com outras crianças” (CORSARO, 2011, p. 151). Os eixos das culturas da infância (interatividade, ludicidade, fantasia do real e reiteração), apontados por SARMENTO (2004), também se fazem presentes nas relações multietárias.

Também se percebe que não só os bebês e outras crianças se apropriam do que veem e ouvem, como propõem outras maneiras para realizar estas ações, recriando as situações. Tanto bebês como crianças de outras idades realizam ações que podem ser reproduzidas pelas outras. CORSARO (2011) propõe a concepção de reprodução interpretativa, considerada uma ação ampliada, que engloba apropriação, reinvenção e reprodução.

Foram identificadas ações de reprodução na pesquisa, as quais ultrapassam a cópia mecânica e idêntica, pois partem do “desejo de fazer algo junto com o outro, na qual a criança tenta compreender a ação que o outro realiza, para a partir dela realizar sua ação, atribuindo modificações e outros significados, se constituindo, portanto, em uma nova ação” (PEREIRA, 2011, p. 197). E PRADO (2006) verificou que o prazer e a risada eram muito mais evidentes entre bebês e crianças mais velhas do que disputas, brigas e choro, o que também aqui foi verificado, pois havia mais respeito e cuidado nas disputas entre bebês e crianças mais velhas. Assim, o papel do/a professor/a frente às relações multietárias também é importante de ser pensado, pois pode vir a tolhê-las, ou promovê-las.

#### 4. CONCLUSÕES

Somando-se os referenciais utilizados nesta escrita aos das buscas realizadas, não se encontra um trabalho específico sobre as relações entre bebês e crianças de outras idades em escolas infantis, o que se tornou um desafio e mostra como a separação rígida por idades na escola está naturalizada. Dessa forma, frente às análises parciais, a pesquisa poderá trazer maior visibilidade aos bebês enquanto sujeitos sociais e maior reconhecimento das suas capacidades; poderá provocar a proposição de outras vivências, não tão cerceadas pelas paredes da sala do berçário; e poderá trazer problematizações com relação à separação rígida entre faixas etárias, podendo promover outras relações entre bebês e crianças.

Uma maior valorização dos bebês trará impactos positivos no reconhecimento do trabalho docente, da mesma forma que considerar os saberes-fazeres das professoras da creche nas pesquisas e nas políticas contribuirá para dar mais visibilidade aos bebês e suas ações. Por fim, especificamente para a escola investigada, as relações multietárias poderão ser potencializadas, beneficiando os bebês e as crianças bem pequenas e provocando mais reflexões acerca do currículo e das lógicas escolares, pois os bebês aprendem com tudo e com todos com quem se relacionam na escola infantil, deixando, também, suas marcas nos mesmos.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma

introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto, 1994.

CAMPOS, M. M. ROSEMBERG, F. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. 6.ed. Brasília: MEC, SEB, 2009.

CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COUTINHO, Â. S. **A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche**. 2010. Tese (Doutoramento em Estudos da Criança Especialidade em Sociologia da Infância) – Instituto de Educação, Universidade do Minho.

ERICKSON, F. Qualitative methods in research on teaching. In: WITTRUCK, M. (Ed.). **Handbook of research on teaching**. Chicago: Macmillan, 1986. p.119-161.

FERNANDES, C. V. **Eu gosto de brincar com os do meu tamanho!: culturas infantis e cultura escolar – entrelaçamento para o pertencimento etário na instituição escolar**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GRAUE, E.; WALSH, D. **Investigação Etnográfica com Crianças: Teorias, Métodos e Ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MAYALL, B. Conversas com Crianças – Trabalhando com problemas geracionais. CHRISTENSEN, P.; JAMES, A. (Orgs.). **Investigação com crianças: perspectivas e práticas**. Porto: ESEPF, 2005. p.123-141.

PEREIRA, R. F. **As crianças bem pequenas na produção de suas culturas**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PRADO, P. D. **Contrariando a idade: condição infantil e relações etárias entre crianças pequenas da Educação Infantil**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas.

ROGOFF, B. **A Natureza Cultural do Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed. 2005.

RICHTER, S. R. S.; BARBOSA, M. C. S. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. **Revista Educação**, Santa Maria, v.35, n.1, p.85-96, jan./abr. 2010.

SARMENTO, M. J. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas na Segunda Modernidade. In: \_\_\_\_\_; CERISARA, A. B. **Crianças e Miúdos: Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação**. Porto: Asa Editores, 2004. p.9-34.

SCHMITT, R. V. **“Mas eu não falo a língua deles!”: as relações sociais de bebês num contexto de Educação Infantil**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.